Afinal, é a Felicidade

Lucília Junqueira de Almeida Prado

FTD

Afinal, é a Felicidade

Lucília Junqueira de Almeida Prado

Para Verinha,

Minha prima Vera. Amigas desde que falamos... O quanto rimos na primavera. O quanto, no verão, segredamos. E agora, quando o inverno chegar, Amigas! Quanto a relembrar!

Ó Senhor, faze de mim um instrumento da tua paz: Onde há ódio, faze que eu leve Amor; Onde há ofensa, que eu leve o Perdão; Onde há discórdia, que eu leve União; Onde há dúvida, que eu leve a Fé; Onde há erro, que eu leve a Verdade; Onde há desespero, que eu leve a Esperança; Onde há tristeza, que eu leve a Alegria; Onde há trevas, que eu leve a Luz.

("ORAÇÃO" de Francisco de Assis)

1

— Acorda, filho! Está na hora de ir pra escola. Ainda me lembro: eu não tinha sete anos, era o meu primeiro dia de aula. Vivia naquela fazenda, numa casa da colônia entre bananeiras e um mandiocal, à beira do ribeirão. Era um menino forte, louro por ter avós alemães e italianos, mas queimado de sol. No serviço já sabia cortar os bambus para meu pai fazer balainhos. Estes, depois, eram usados para semear grãos de café, pois meu pai, desde que viera do Estado de Santa Catarina para o norte do Paraná, foi estufeiro, colono que cuida dessas plantas até serem entregues à terra.

De manhã, eu gostava de abrir a janela, seguir pelo azul do céu o voo dos pássaros, mesmo naquele primeiro dia de aula:

— Já vai, mãe! - exclamei, os olhos num bando de periquitos que passavam em algazarra. E pensei: "É assim que a gente deve ir para a escola,

alegre como os passarinhos..."

No entanto, sempre soube que naquele dia começava minha vida séria, "a vida de responsabilidades", como dizia meu pai:

— Até agora, Rafael, você só me ajudou preparando os bambus, fazendo balainhos, e isto quando bem queria.

— Também, quando o sol esquentava, ajudava a regar as mudinhas de café!

— No mais... - continuou meu pai, piscando seus olhos azuis - foi só andar pelos campos caçando passarinhos, jogar futebol, pescar no riacho, brincar de pique. Hoje, começa sua primeira responsabilidade...

— Que é responsabilidade?

— Responsabilidade... bem, responsabilidade é... ora! É ser responsável!

Fiquei sem entender. E foi por isso que, logo no primeiro dia de aulas, perguntei para a professora:

— Dona Érica, o que é responsabilidade? Ela me olhou muito linda, cabelos longos, brilhando de bem tratados, os olhos dum jeito que até pareciam feitos de açúcar:

— Responsabilidade é você cumprir suas obrigações, Rafael. Se durante as aulas fizer tudo o que eu mandar e trouxer de casa os deveres em ordem, então, na parte escolar, será um menino responsável.

Fiquei entusiasmado. Além de saber meu nome, ela explicou tão bem o que era responsabilidade, que eu até podia ensinar para os colegas! Quando cheguei em casa, contei para minha mãe. Ela, que era descendente de italianos, por qualquer motivo soltava o riso alegre.

— Êta vida! Então, responsabilidade deve ser cuidar direito da sua obrigação. Xiiiiii! Então, minha responsabilidade é cozinhar, lavar, passar, costurar para esta trempe de gente que é a minha família... (Eu tinha dois irmãos mais velhos que já trabalhavam com meu pai na estufa, mais três irmãs abaixo de mim.)

— E a do pai é cuidar das mudas de café, fazer com que cresçam sadias, para formar novas plantações.

— E o patrão pagar bom ordenado! Assim, nunca deixar faltar a roupa, o calçado e o mantimento pra gente.

Estudava numa turma de trinta meninas e meninos como eu, filhos de colonos, muitos netos de imigrantes, geralmente alemães e italianos. Voltava para casa, almocava, fazia o tema dado pela professora. Depois, era ajudar meu pai na estufa, lugar todo cercado de tela, sombreado com folhas de palmeiras, onde por baixo se enfileiravam milhares de pequenos balaios com mudas de todos os tamanhos. Às tardes, horas de maior calor, eram também

aquelas em que os pés de café mais precisavam de água. Por isso ia dar uma ajuda para meu pai e meus dois manos.

— Pegue logo o regador, piá! - assim me recebia o pai e, enquanto enxugava o suor da testa com a manga da camisa, perguntava: "Como é, aprendeu muito hoje?"

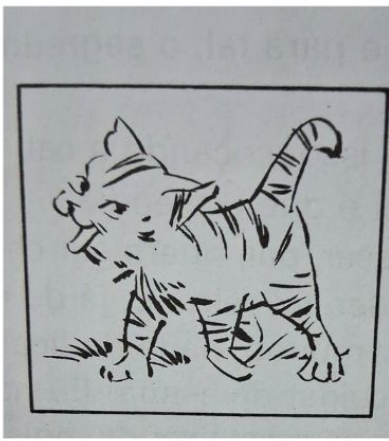
Dona Érica sempre contou novidades, coisas lidas em jornais e meu pai tinha vontade de saber tudo.

— Hoje ela falou que nós, trabalhadores rurais das Américas, somos a esperança da humanidade!, que na África e na Ásia muita gente está morrendo de fome e que, só plantando e colhendo muito, o mundo terá salvação.

Meu pai piscou seus olhos azuis, depois ficou pensativo. Por fim, disse:

— Dona Érica tem razão... e com força dobrada recomeçou a regar as mudas de café. - Quem planta come, quem não come, morre!

Meu pai usava dizer coisas assim, frases feitas por ele, que, a poder de serem repetidas, soavam como ditas por doutor. Minha mãe gostava de contar que o pai dele, meu avô alemão, era um homem letrado e que meu pai estudara pouco porque o lugar de onde tinha vindo em Santa Catarina só tinha uma escola que ia até a 4ª série.



2

Nunca esqueço do dia em que contei:

— Hoje a professora falou que está aparecendo uma nova opinião sobre as plantas: "Elas conversam umas com as outras!" Também gostam de

ser bem tratadas pelo homem. É por isso que dizem terem alguns melhor mão para lidar com plantas.

— Isto sei... - respondeu meu pai, olhando o verde alegre das mudas com tal carinho que era como se admirasse um altar. — Por isso sempre converso com meus pés de café.

— Quanto a mim, só sei conversar com o Aparecido - falei. (Aparecido era o nome do meu gato de estimação; tinha esse nome porque, um dia, apareceu lá em casa e ficou. Ninguém nunca soube de onde ele tinha vindo...)

Meu pai era conhecido como homem caprichoso, por isso, mal chegado de Santa Catarina, fora escolhido para aquele trabalho de estufueiro, trabalho que também pedia muita paciência. Assim, na fazenda, não era um simples puxador de enxada como os outros porque só ele seria capaz de manter a estufa em tal estado de beleza! Nesse dia, vendo a expressão de prazer no rosto de meu pai, compreendi ser aquele um serviço em que não só o homem dava de si, mas as plantações retribuíam em vida, e para tal, o segredo era "saber conversar com elas"?

Apesar de tudo isso, coçando a cabeça do Aparecido (gato folgado!), falei o que pretendia:

— Quando crescer, pai, quero ser chofer do caminhão! Se não der, tropeiro. E, já de regador na mão, continuei: - Correr mundo, nada de ficar preso numa fazenda de café, a cuidar de estufa! Eu não seria capaz de trazer as plantas com esta saúde, pois nunca saberia conversar com quem não responde!

— Filho! Filho! Nunca diga "Desta água não vou beber"!

De um tanque, comecei a encher os regadores que eu passava para meu pai e meus irmãos, que iam e vinham, aguando as mudas. Aparecido deitou num canto, para tirar seu cochilo.

Gabriel trabalhava sem conversar. Mas Miguel deu seu aparte:

— Vontade que eu tinha mesmo era de conhecer o tal do rio Amazonas...

Assim era toda tarde. Eu não gostava daquele serviço de ficar ensopado como se tivesse tomado chuva. Preferia mil vezes laçar cavalo,

ginetear, sair em pelo através dos campos, arrebanhar vacas desgarradas. Mas meu pai impunha, era sua lei: "Entrou para a escola, cai no batente!"

Quando os pés de café alcançavam um palmo de altura, eram levados para formar novos cafezais. Meu pai tinha pena quando essa hora chegava. Enfezado, ia ajeitando os balainhos na carroça. Os olhos tristes viam as mudas seguirem para ser plantadas em grandes extensões.

— Pois é! A gente semeia, vê nascer estas plantinhas, rega de manhã e de tarde, todos os dias, até no domingo! Cria amor nelas... Agora vão ser plantadas debaixo de um sol de rachar, a dependerem de chuva, sujeitas às geadas...

— Eeee, pai! Até parece que vai chorar... — eu vinha por detrás, abraçava os ombros dele, sentindo o cheiro de homem que labutava de sol a sol, enquanto a carroça sumia ao longe.

— A vida é assim mesmo, pai! Agora, as suas plantas vão passar por um tempo difícil, como uma doença, sofrer as intempéries, sol, vento, chuva, mas vão resistir e, quando formarem um cafezal dando frutos, vai ter orgulho delas!

Então, meu pai me olhou de um jeito estranho, e sorriu:

— É isto mesmo, Rafael! - exclamou coçando o bigode louro.

Lembrar estes anos é lembrar um tempo bom em que os meses passavam sem grande novidade e a gente, apesar de pobre, era feliz. Minha mãe costumava dizer:

— É... Não tendo doença, a vida não tem problemas...

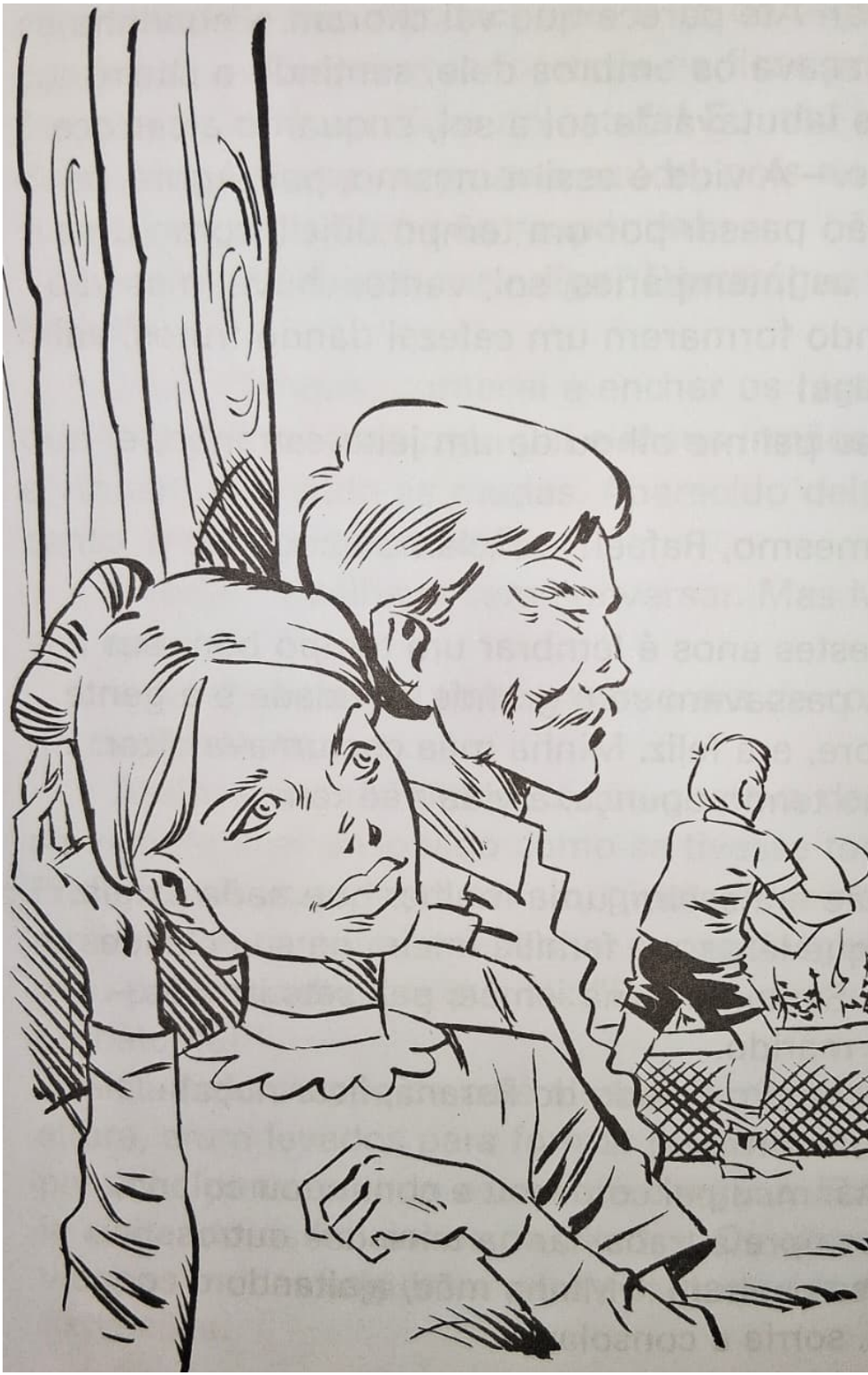
Minha mãe era assim, uma mulher que nada exigia. Basta contar que largara a família inteira na sua cidade do interior de Santa Catarina - mãe, pai, sete irmãos - para seguir o marido.

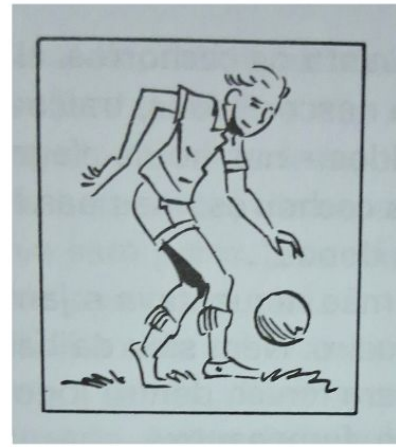
— Vamos para o Estado do Paraná, ficar ricos! - ele disse com muita firmeza.

No Paraná, meu pai começou e continuou colono, toda a vida, sempre a trabalhar na terra dos outros, não ficou rico coisa nenhuma! Minha mãe, ajeitando o coque sobre a nuca, sorria e consolava:

— Deixa estar, homem de Deus! Não faz mal... Ao menos aqui não falta trabalho.

Nessas horas eu olhava minha mãe e, apesar da falta do dente que lhe caíra na dianteira, como achava ela bonita!





3

Assim, os anos correram, não muitos, mas seguidinhos.

Um dia, eu já estava no quarto ano, lembro-me bem: era domingo e tinha jogado futebol a tarde inteira com a meninada da fazenda. Anoitecia quando voltávamos do campo. Aparecido, como sempre, vinha atrás de nós.

Já na porteira que dava entrada para a colônia, comecei a sentir aquela dor na perna. Não! Não era bem na perna, mas no alto da coxa esquerda, uma dor pontuda. Será que é alguma distensão de futebol? pensei, começando a mancar.

— Gabriel — eu disse para meu irmão mais velho — acho que torci algum músculo.

— Bobeira! — respondeu no seu estilo de pouco falar. — Você não caiu...

Mas o outro, Miguel, acercou-se, me deu o braço:

— Vamos acabar de chegar. Em casa a mãe faz um emplastro, bota aí na sua dor e ela vai s'embora de galope.

Aparecido até parecia que entendia as coisas: começou a gemer e a enroscar-se nas minhas pernas como se ele também estivesse sentindo dor. Pensei: "Por estas coisas é que acredito serem os gatos amigos dos homens tanto quanto os cachorros. Não tem nada de dizerem que são desconfiados, traiçoeiros. Gatos o que são é muito tímidos – nas horas alegres não sabem dar pinotes como os cachorros, mas nas horas tristes sabem sofrer com seus donos".

Em casa, a mãe requentava o jantar, sobra do almoço domingueiro. Nem saiu da beira do fogão, ali pondo a água para ferver, dentro jogou fubá. Logo veio com o emplastro, fumegante:

— Só que depois, fica na cama, para não tomar friagem.

— É isto! Vocês não têm descanso, jogam futebol, seis, sete horas, como se o mundo fosse acabar!

— A gente precisa aproveitar, mãe! Hoje era domingo...

Deitado, com o calor do emplastro e aqueles panos a firmarem minha perna, a mãe, o pai, três irmãs e dois irmãos a jantarem no quarto, a dor tinha sumido e eu me sentia como um rei! Meu pai brincou:

— É... não vai dar para você jogar na Copa do Mundo...

Todos riram. No canto, Aparecido miou como para dizer que também sabia achar graça. E, em meio ao converseiro, adormeci.

Acordei com o dia, as revoadas dos pássaros, seus pios e cantos. Mas, quando levantei e pus a perna no chão, dei o primeiro passo. No imediato, a dor voltou.

— Mãe!

Ela veio, o olhar perguntador:

— Está melhor?

— Pior, mãe! – eu fazia caretas para não chorar.

Voltei para a cama e foi só deitar e a dor se acalmou.

Mas, na hora da escola, insisti para não faltar - era dia de prova. Minha mãe e minhas irmãs me deram seus braços, se revezando como arrimos. Logo percebi que, se pulasse com a perna boa, dava para ir à escola. Aparecido atrás, miava sem parar, pois não entendia por que eu estava saltando como um saci.

Na classe, dona Érica quis saber tudinho como tinha acontecido. Ajudou-me a sentar, disse para minha mãe:

— Pode ir descansada. Antes de seguir para a vila, passo de charrete na sua casa, deixo Rafael.

Assim foi feito naquele dia e em todos os outros da semana. A dor continuou, mas não faltei aula. Só não ia ajudar meu pai na estufa.

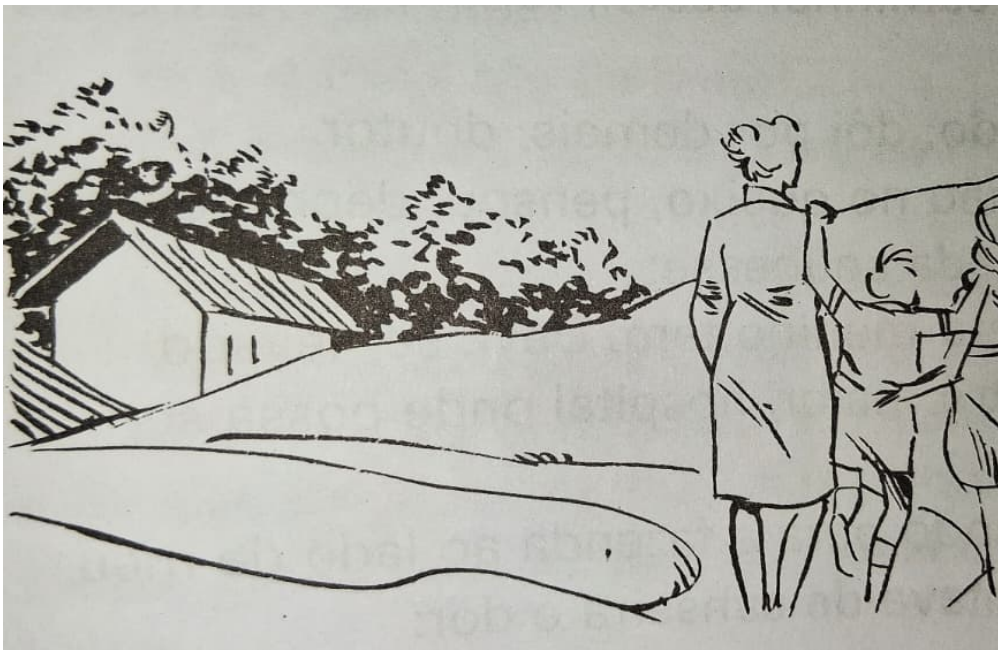
— Malandro! - ele brincava quando vinha embarreado como um carro que encravou. - Você está é com baldas...

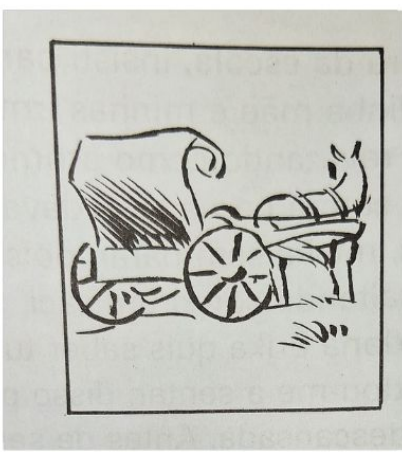
— Não, pai! Não é fingimento, não! Dói mesmo. Cada agulhada, pai!

Precisava ver.

Ele me olhou, cuidadoso:

— Eu sei. Hoje até avisei o patrão que amanhã à tarde a estufa fica por conta de seus irmãos. Vou levar você no médico, viu?





4

Depois da escola seguimos com dona Érica. Da fazenda à vila, nove quilômetros que, com uma égua boa de charrete como a Brasília, levava meia hora.

Aparecido miou tanto na hora da saída, se enroscando na minha perna boa, que acabei levando meu gato.

No médico, a professora quis esperar a consulta. Depois que respondi às perguntas dele, ela falou:

— A dor começou, doutor, num domingo em que Rafael jogou futebol muitas horas seguidas.

O médico, um velho de cabeça branca, jeito descansado, me mandou deitar numa cama de ferro. Examinou que examinou minha perna, dobrou-a e esticou, cutucou aqui e acolá, me fez andar.

— Só consegue caminhar assim, repuxando? – foi só o que perguntou.

— E, quando ando, dói por demais, doutor.

O velho pôs a mão no queixo, pensou, depois abriu os braços como se nada soubesse:

— Não sei o que o menino tem. Deve ser levado a consultar num centro maior, hospital onde possa ser radiografado.

No ônibus, voltando para a fazenda ao lado de meu pai, quase não aguentava de canseira e dor:

— Esses médicos velhos... - resmunguei.

— Não, filho! - corrigiu meu pai. - Mandando procurar hospital e radiografia, o doutor até que andou certo; quando a gente reconhece não dar conta, não deve pelejar, pois é o mesmo que tentar tirar água da pedra.

Deitado no meu colo, Aparecido me olhava com seus olhos tristes, parecia entender toda nossa conversa. De pena dele até parei de resmungar contra minha dor, comecei a coçar sua cabeça. Aparecido fechou os olhos e sua boca ficou mais comprida, como se estivesse rindo.

Naquela mesma noite, meu pai foi à casa da fazenda conversar com o patrão. Quando voltou:

— O patrão disse que dona Madalena vai ter de ir amanhã na cidade grande, para dentista. Leva Rafael para tirar a radiografia.

Eu já conhecia dona Madalena, a dona da fazenda, uma mulher de falar alto, com o riso mais claro que já ouvi. No entanto, quase não dormi naquela noite, numa aflição de quem vai para o desconhecido.

Na manhã seguinte, dona Madalena veio guiando seu automóvel azul. Pelo terreiro frente às casas, o mulherio despontando nas janelas, admiradas

como se vissem um elefante!

- É a dona Ma-da-le-na!...

E a molecada, que abanava as mãos, corria rente ao carro:

— Dona Madalena! Dona Madalena!

Veio e parou frente à minha casa, uma das últimas da fieira de vinte que formavam aquela colônia. Minha mãe não sabia se ia junto, mas tomou banho, vestiu a roupa, passou pó de arroz e aquele cheiroso extrato de maçã.

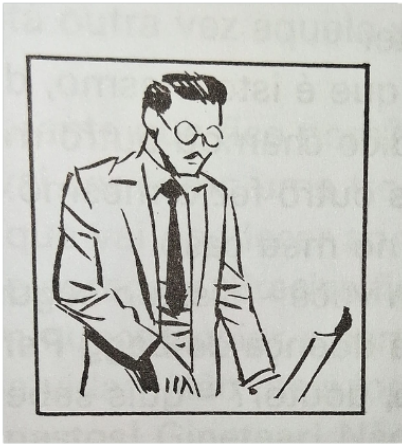
Quando percebeu como eu andava apoiado nas minhas irmãs, fazendo caretas de dor, a patroa dirigiu-se a minha mãe:

— É... melhor você vir também.

Senti tamanho alívio, que até suspirei.

Fui deitado atrás, minha mãe na frente, sentada ao lado da patroa. Aparecido ficou me olhando da porta, miando.

Uma hora de viagem, a dona guiando o carro, primeiro na estrada de terra, depois no asfalto. No começo perguntou muito sobre as minhas dores, depois quis saber dos casos de namoro na colônia. Por fim, ligou o gravador numa música sem letra, só instrumentos tocando.



Na cidade, fomos direto ao hospital. Dona Madalena entrou com a gente, procurou um médico seu amigo, perguntou-lhe pela família, soltou seu riso claro quando soube que, naquela noite, a mulher dele tivera mais um filho.

— É... o mundo não acaba, Emílio!— E depois de pedir ao médico que me examinasse, fizesse todo o necessário, voltou-se para minha mãe e, dum jeito muito seu, penteando os cabelos com os dedos, falou: "Vou ao dentista, depois fazer umas compras. Daqui a umas duas ou três horas venho buscá-los."

Então, apoiado em minha mãe, entrei para a sala de consultas. Outra mesa de ferro, só que agora quem me examinava era um doutor moço:

— A dor é aqui, não é? Bem na união do fêmur com a bacia?

— Que é fêmur, doutor?

O médico me olhou e riu:

— Você não está na escola?

— Estou. Mas ainda não me ensinaram o que é fêmur.

— Fêmur é este ossão que temos na coxa.

— E o senhor quer saber se a dor é uma dor de osso, no alto deste tal fêmur?

— Justamente.

— Pois sabe que é isto mesmo, doutor!

Então, o médico chamou outro médico, que me examinou. E mais outro fez o mesmo. Via-se que tinham grande interesse no meu caso.

— Estou com você – disse o segundo médico. – É um caso típico da doença de Legg Perthes.

— Que é isto, doutor? – quis saber minha mãe, toda assustada.

Doutor Emílio meio sorriu e explicou:

— Seu filho está com uma moléstia de adolescente, isto é, acontece só em gente que está crescendo. A cabeça do osso fêmur amolece. Então, quando anda, na junção com a bacia, o osso, não encontrando apoio, roda em falso e dói.

— Doutor, não é como se um carro estivesse patinando? A roda gira no barro, mas o carro não anda.

Doutor Emílio riu, me olhou admirado:

— Isto mesmo, Rafael!

— E agora, doutor? – minha mãe tinha juntado as mãos, como se fosse rezar. – É grave, doutor?

— Tudo vai depender de Rafael – disse o médico me fazendo sentar. E me olhou sério. – Primeiro você vai precisar ficar uns seis meses de cama, pois o grande segredo da cura desta doença é nunca apoiar a perna doente no chão.

— E depois, doutor?

— Depois, por todo tempo em que estiver crescendo, terá que andar de muletas, para não apoiar nunca a perna esquerda. Bem, sabe, Rafael? Você vai precisar de muita força de vontade, ser um menino tremendamente responsável.

Pensei: "Aqui está outra vez aquela palavra: Responsabilidade!"

— E o doutor garante que fico bom?

— Isto, Rafael, vai ser como uma troca. Você também precisa me garantir que vai obedecer ao tratamento como um homem de coragem. Precisa ficar todos esses meses de cama, sem nunca apoiar a perna no chão.

Pensei na minha vida: "Não mais jogar futebol! Não mais galopar pelos pastos! Ginetear! Não mais pescar no riacho! Não mais brincar de pique! E a escola?"

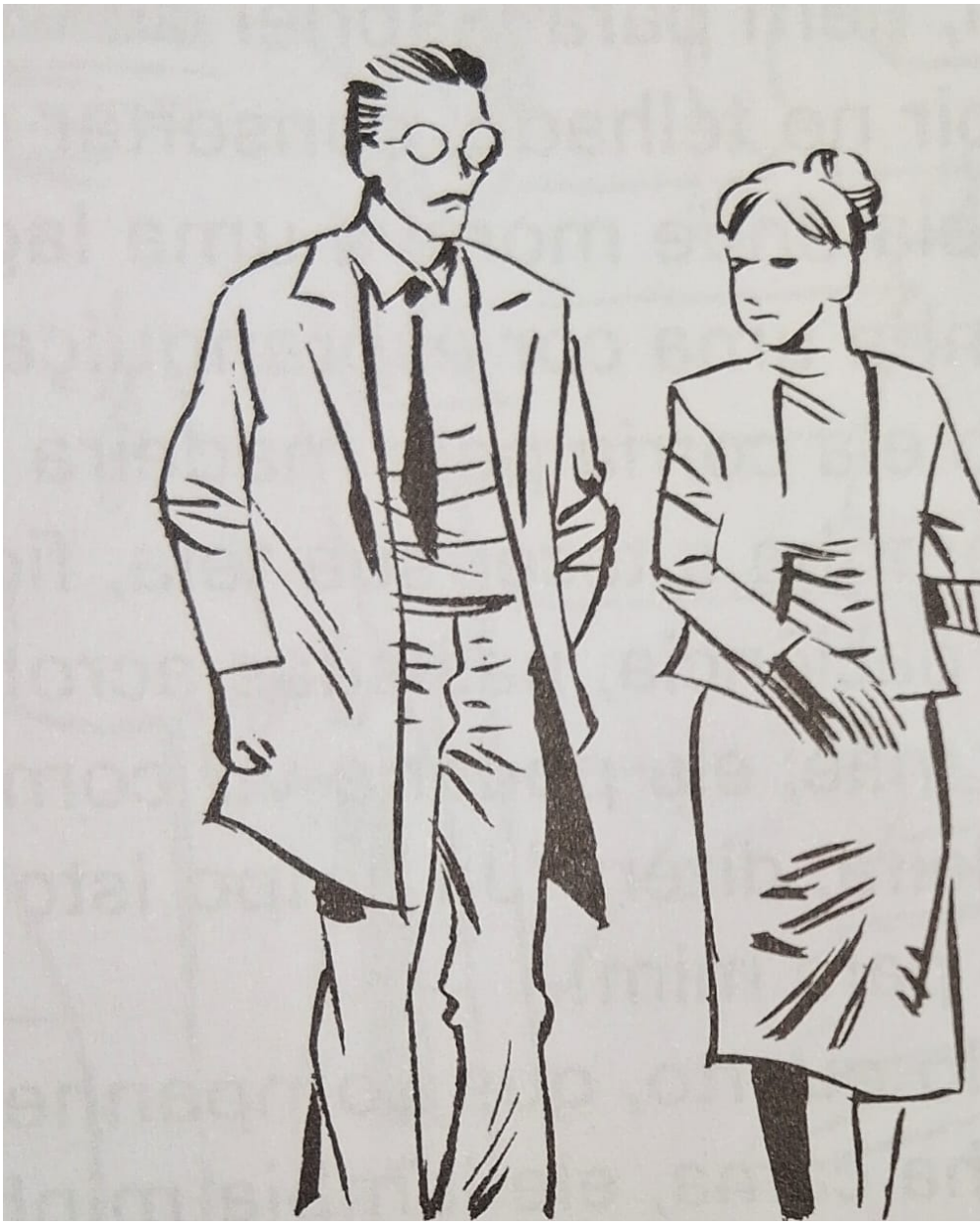
— E a escola? - perguntei sem olhar para minha mãe, porque sabia que estava chorando.

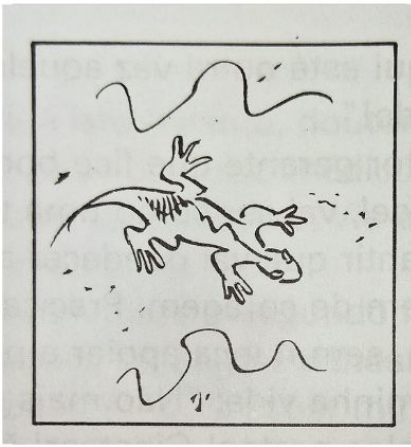
— Estes seis meses você pode fazer seus deveres na cama. Darei um atestado; sua professora vai compreender.

— Ela é muito boa, doutor.

— Depois, vai voltar às aulas de muletas. É preciso coragem, moço!

— Vou ser corajoso, doutor.





6

A cama, de noite para dormir, é lugar bom como quê! Mas, do momento em que vira obrigação, santo Deus! O que passei naqueles meses todos...

Acordava com canto de galo. Acho que era porque meu corpo não fazia exercício e também porque dormia muito durante o dia.

Ficava com os olhos pregados no mal clareado do teto, conhecendo os lugares em que duas telhas descoladas deixavam frestas. Por ali o primeiro sol entrava, de esguelha, nos raios brilhavam ciscos e poeiras. Se chovia, eram respingos de chuva que espirravam. Mas não reclamava para o pai, nem para Gabriel ou Miguel; eles poderiam querer subir no telhado, consertar e aquilo era uma distração! Eu sabia onde morava uma lagartixa, tão pequena que ainda tinha uma cor esbranquiçada, distinguia-se bem quando ela corria pela madeira do forro. Também, se eu via uma aranha a tecer sua teia, ficava horas reparando naquela paciência, nas suas acrobacias! Mas nada contava para a mãe; ela poderia vir com a vassoura, subir numa cadeira, dizer: "Já limpo isto" e aquilo era outra distração para mim!

Aparecido não saía do quarto, que companheirão! Às vezes, deitado na minha cama, ele lambia minha mão, minha cara. Parecia dizer: "Paciência, Rafael!" Os gatos são calados, mas sabem dar carinho nas horas certas.

Um mês inteiro se passou.

Depois das aulas, todos os dias, dona Érica vinha à minha casa, os cabelos cada vez mais compridos, linda como uma artista:

— Como é, Rafael? Fez as lições?

— Fiz tudinho, e ainda li metade daquele livro que me emprestou. Estou aprendendo a gostar de ler...

— Muito bem! Quando você acabar este, trago outro.

— Acabo hoje, dona Érica.

Ela me olhava com os olhos que tudo faziam para não mostrar pena:

— Você sabe, Rafael? Há homens que se tornaram cultos nas doenças, tanto leram.

— Bom, para isto, ela está valendo! A minha doença...

Dona Érica ria, um riso de doçura; sentava-se, pegava meus cadernos, começava a corrigir. A mãe vinha com o café, coado na hora, um jeito ao mesmo tempo pesaroso e agradecido:

— Ah! não fosse a senhora... - dizia.

Mas todos eram bons. O campeiro, logo cedo, me trazia uma caneca de "camargo", leite fresquinho, espumando:

— Isto fortalece, Rafael.

— Obrigado, seu Pedro.

Minhas irmãs pediam para o moço que todos os dias ia buscar o correio para o patrão que vendesse ovos na vila, comprasse em balas:

— Rafael! Hoje veio de frutas... - dizia a menorzinha me entregando o pacote, já sentada na minha cama.

— Como é que você sabe?

— Porque encomendei. Gosto de balas de fruta.

— Danadinha...

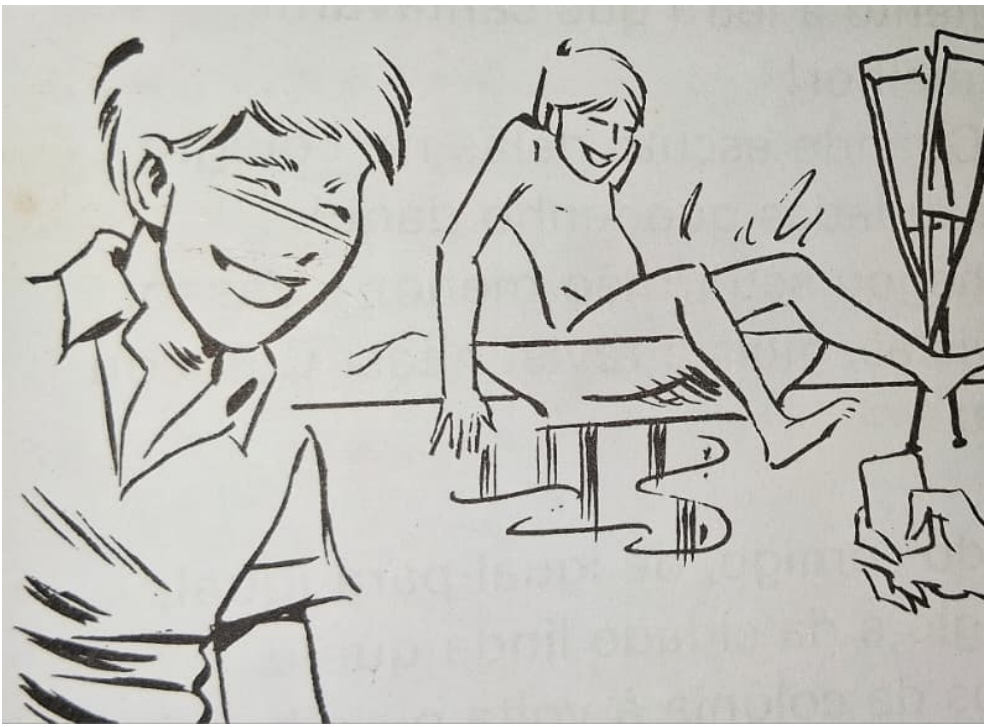
Meus irmãos, agora quando chegavam da estufa, carregavam água para meu banho, punham na bacia, me ajudavam a tomar sem encostar a perna doente no chão. E aquela era a única hora de exercício que eu tinha.

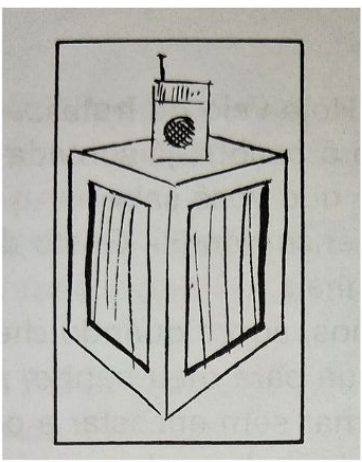
O pai, querendo me alegrar:

— Estou juntando um dinheiro, Rafael; assim que puder vou dar de entrada numa televisão.

Eu sabia ser aquele um velho sonho da família. Por diversas vezes, meu pai

chegou a juntar esse dinheiro, mas um imprevisto o levava. Uma vez foi gasto com Gabriel que cortou o pé num caco de vidro, precisou dar pontos, tomar injeção contra tétano; de outra, uma de minhas irmãs teve desmaios, mas, graças a Deus, eram só vermes. Isto sem falar de quando meu pai escorregou na estufa, quebrou o braço.





Nos feriados da Semana Santa, os filhos dos patrões vieram do colégio, me trouxeram um rádio. Foi Rodrigo, que era da minha idade, quem veio com ele:

— Rafael, disse ele quando entrou no meu quarto, olha o que compramos para você.

Era um rádio de pilha.

— Oba, que legal! – exclamei sentindo um travo na garganta.

Minha mãe veio com um caixote alto, pôs junto de minha cama. E ali foi colocado o rádio, já a tocar uma moda de viola:

— Você gosta de música sertaneja? – perguntou o filho do patrão, muito atento à letra que cantavam.

— É o que tem de melhor!

— Também gosto. Quando escuto delas no colégio interno, precisa ver as saudades que tenho daqui...

Atrás de Rodrigo chegou seu irmão menor – Vasco. Trazia um monte de revistas, gibis e revistinhas. Colocou tudo sobre minha cama:

— Pra você ler...

Ficaram conversando comigo, de igual para igual, contando casos do colégio e da cidade linda que é Curitiba, muitos meninos da colônia à volta ou olhando de fora, pela janela aberta, como se aquela visita fosse um acontecimento. Até Aparecido parecia surpreso, miando sem parar, como se quisesse chamar a atenção. Ao sair, Rodrigo lembrou:

— Mamãe manda dizer que na segunda-feira depois dos feriados é dia de levar você ao doutor Emílio.

— Não esqueci não...

Percebi quando montavam os cavalos na porta de minha casa, os animais refolgando e, quando partiram a galope, apesar da música que se ouvia tão bonita, caí no choro. Minha mãe, que fora acompanhar os meninos até a porta, voltou correndo, sentou-se na beira da cama, puxou minha cabeça para seu ombro. E misturou minhas lágrimas com as dela:

— Eu bem que quis pedir... que puxassem os cavalos mais pra diante... saíssem maneirinho... mas, tive vergonha... tive vergonha... Eles são filhos do patrão!

— Ganhei um rádio! – exclamei. – Mãe! Estou chorando de contente... Não vê?

Por esse tempo meu padrinho de Santa Catarina escreveu noticiando que tinha herdado um dinheirinho, comprara um armazém. E, como via pelas cartas que eu tinha "letra firme e regular", quando me curasse queria que eu fosse seu contador. Em casa foi uma festa! Meu pai, alisando seus bigodes louros, brincou:

— Quem tem padrinho não morre pagão...

Na segunda-feira, dona Madalena veio no seu carro azul. Fui ao médico com ela e minha mãe. O médico, depois da consulta:

— Vai indo... Vai indo, Rafael.

E me mandou voltar para a cama.

Outros meses sem fim! Apesar dos livros, do rádio, das prosas que toda a meninada da colônia vinha dar, da dedicação de dona Érica, da mãe, de Aparecido que não saía do meu quarto, de todos, a cama por obrigação é o pior que tem!

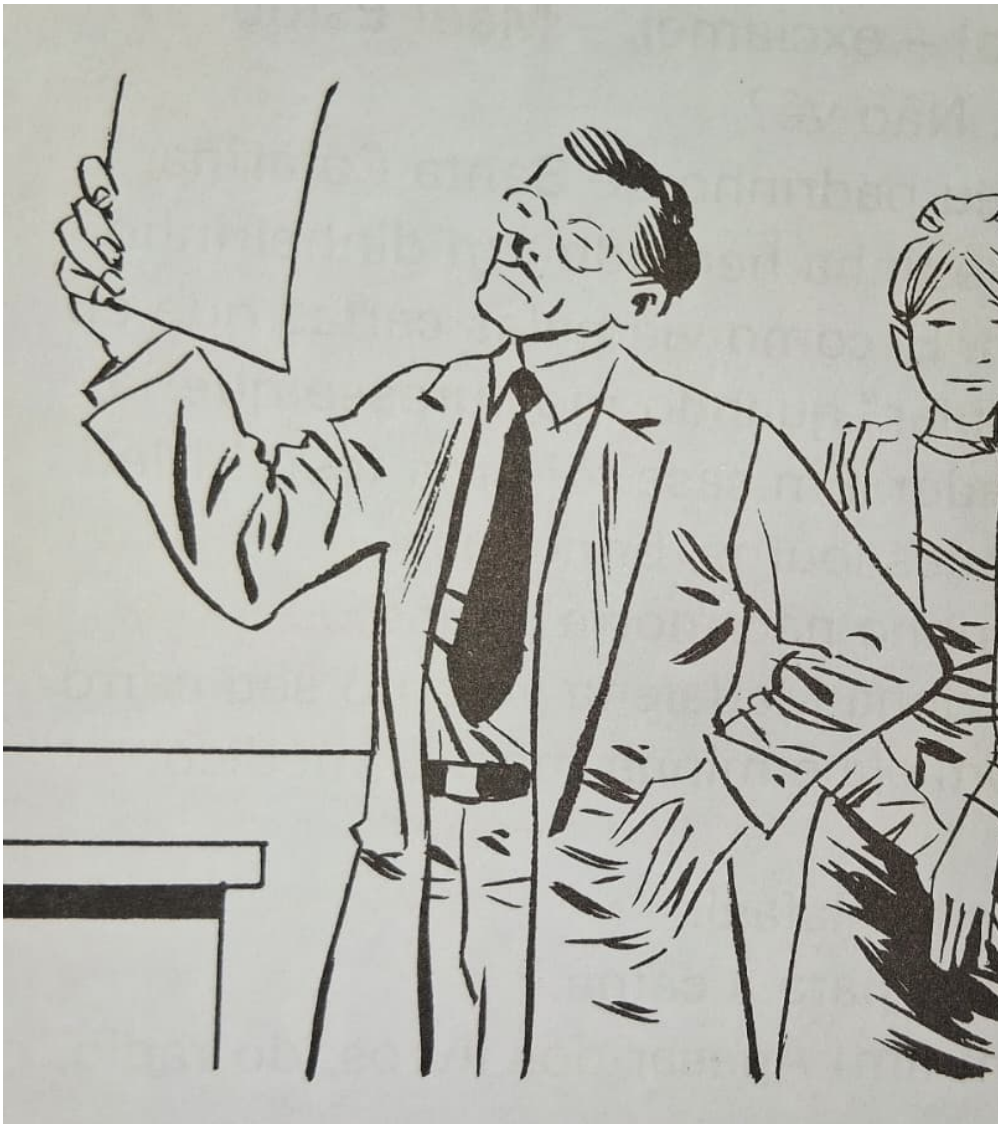
No fim dos seis meses, mais uma vez no doutor Emílio. Novas radiografias e então, examinando-as, ele disse:

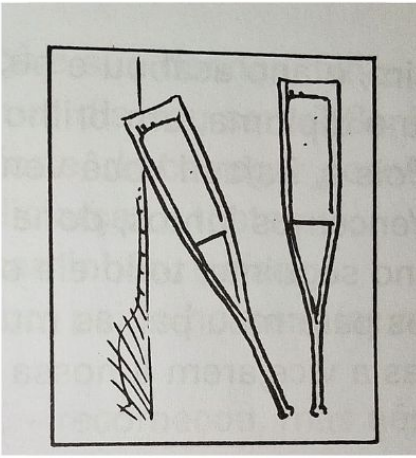
— Pois é, Rafael, agora pode andar. Mas só de muletas...

— Verdade, doutor?! – exclamei como se tivesse recebido a notícia da minha cura.

— Mas, olhe lá, hein? Nunca encoste a perna esquerda, a perna doente no chão.

As muletas já estavam em casa; meu pai há muito tinha encomendado num marceneiro da vila.





8

Então, como foi difícil aprender a caminhar com aquilo! Como cansava! Um dia, logo no começo, numa nervosia de não conseguir andar com o desembaraço que esperava, encostei-me à parede, atirei as muletas no chão:

— Porcaria!

Meu pai veio, pegou-as, me entregou. Com olhar triste:

— Rafael, você precisa ser paciente...

— Paciência! Paciência! É o que todo mundo quer de mim. Queria ver se fosse em você, pai, para sentir como é!

Foi a primeira vez que vi meu pai chorar:

— O quanto já pedi pra Deus, filho, que tirasse esta doença de você, pusesse aqui, nestas pernas!

Então fiz um esforço grande, andei pela casa. Na semana seguinte, já conseguia ir de casa à escola. No fim de um mês, estava na estufa, todas as tardes com meu pai. Ficava sentado num caixote alto, a perna ruim dependurada, apoiado só na outra, tecia balainhos. E, vendo meu pai e irmãos no trabalho de vir ao tanque encher regadores, passar com eles entre as fileiras das mudas de café, a despejar água e mais água, pensava: "Nunca mais vou poder fazer um esforço destes".

Assim, o ano acabou e eu, a escola. Dona Érica me entregou o diploma, um brilho contente nos olhos:

— Pois é, Rafael! Você venceu!

— Vencemos juntos, dona Érica.

O ano seguinte, todo ele e mais outro, levei tecendo balainhos para meu pai, as muletas sempre ao lado, as mudinhas a vicejarem à nossa frente como um verde tapete.

E, fazendo balainhos, ganhei dinheiro. Meu pai, meus irmãos, as meninas que cresciam, iam à roça com minha mãe para a capina dos cafezais, todos juntos, compramos a televisão. Foi um dia alegre, aquele em que ela chegou! E as novelas, os desenhos e os programas de auditório encheram nossas vidas...

Meu padrinho de Santa Catarina tornou a escrever. Desta vez mandava até dinheiro para passagens, me convidava a ir trabalhar com ele: "Aí você fica marcando passo, Rafael! Donde já se viu, com sua letra bonita, modo de escrever distinto e ser balaieiro? Vem ser meu contador. Sou analfabeto e preciso de alguém de confiança. Pois, se até para escrever esta carta precisei pedir para a filha!"

Um dia em que a carroça veio buscar mudas para formar nova lavoura, meu pai lembrou:

— Sabe, Rafael. Uma vez você disse que eu não devia ficar triste quando os pés de café fossem embora, que eles iam passar por um tempo ruim, no sol, no vento, mas haveriam de vingar um dia; vendo o cafezal dando frutos, eu ia ter orgulho!

— Lembro, pai...

— Pois, quando penso nisso, comparo a situação crítica dessas mudinhas de repente postas no sol,sujeitas às geadas, com você e sua doença, filho.

— Qual, pai! Será que um dia vou sarar? Será que vou conseguir ser homem forte, de carregar peso?

Meu pai fungou, quis disfarçar a tristeza:

— Pode ser chofer de caminhão, Rafael.

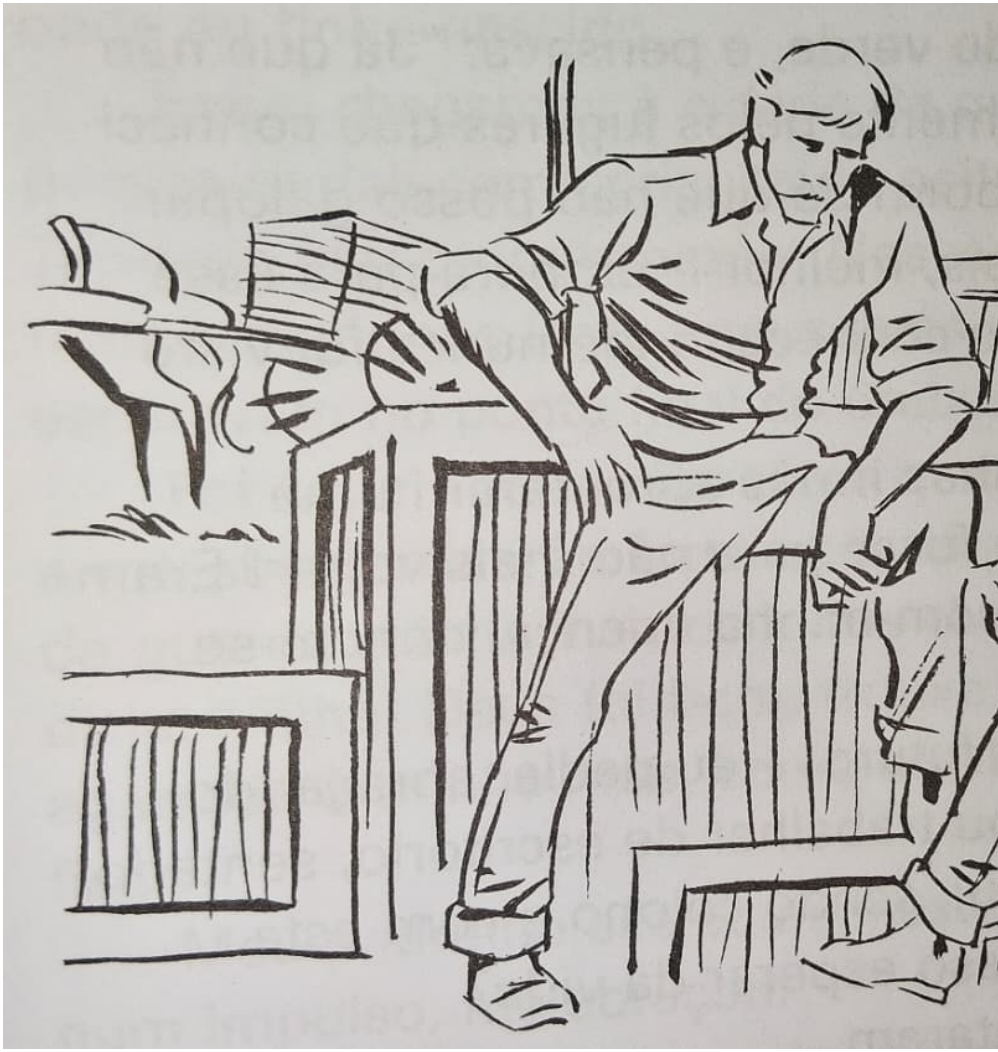
- Mesmo neste trabalho, pai, o homem faz muita força.

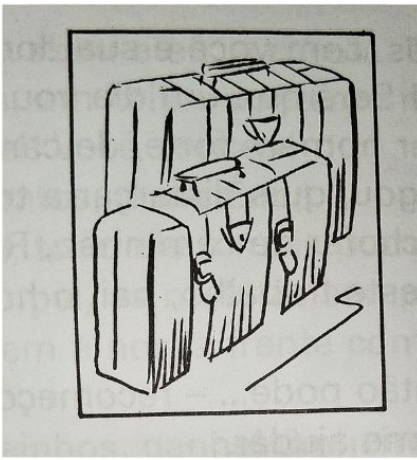
- Pode... Então pode... - recomeçou, mas não sabia o que dizer para me ajudar.

- Pai! queria mesmo conversar com você, com a mãe: eu gostaria de ir para Santa Catarina, pelo menos por uns tempos. Trabalhar com o padrinho.

Uma nuvem passou pelos olhos azuis do meu pai. Depois, fez esforço para rir:

- Pois, Rafael, se assim quer, assim vai ser.





9

Com o dinheiro do padrinho à mão, meu pai decidiu que, ou ele ou minha mãe, me levaria. Minha mãe ganhou. Além de ter toda a família lá perto, o pai não perderia dias de serviço e ordenado. Falou:

— É... Os tempos não estão para brincadeiras... Não trabalhar uma semana pode pesar no fim do mês.

Alguns dias depois, estávamos de malas prontas. Eu olhava aqueles campos plantados do Paraná, uma beleza em todas as misturas de verde, e pensava: "Já que não posso mais andar livremente pelos lugares que conheci tão bem, melhor ir embora! Já que não posso galopar entre os trigais e cafezais, melhor ir embora para esse lugar onde ninguém me conhece, onde nunca fui visto sem muletas..."

Na despedida, minhas irmãs aprontaram uma choradeira, como se eu fosse para não mais voltar! Eram meninas carinhosas e, com minha doença, tinham-se apegado a mim.

— Pensem no meu futuro! — eu pedia, abraçando-as. — Não veem? Lá, vou trabalhar de escritório, sentado, homem de respeito. Aqui, sendo colono e com esta perna doente, o que posso esperar da vida? Então elas se aquietaram.

Na rodoviária, despediram-se, os olhos claros, os rostos corados. E pudemos partir, minha mãe, Aparecido e eu. Meu gato parecia rir, satisfeito, no meu colo. De vez em quando, ele esticava o pescoço, lambia minha cara!

A viagem de ônibus foi comprida: primeiro até o norte do Estado de

Santa Catarina, uma baldeação; de lá para o oeste, direto ao meu destino. Dormi toda a noite. De dia, admirei paisagens desconhecidas, plantações de mate, matas que cobriam montanhas, pastos e gado, sítios e chácaras penduradas nos morros, cada um com seu grande chiqueiro. Minha mãe ia dizendo os nomes dos lugares mais importantes e eu guardando tudo na cabeça porque, afinal, aquela era a terra escolhida pelos meus avós quando tinham imigrado, aquela era a terra de meus pais, o Estado onde eu tinha nascido.

Enfim chegamos à cidade da qual nem lembrava, pois saíra dali como criança de peito. Padrinho Gonçalo Trindade, dono do Armazém Nossa Senhora Aparecida, mais a madrinha Rosa, meus avós e tios, todos esperavam no ponto final do ônibus.

Foi aquela festa! Parentes que eu nunca tinha visto a me abraçarem tão forte que até parecia estar voltando da guerra; minha avó, os olhos cheios de lágrimas, dizia: "Filha! Deus foi bom, trouxe você de volta!", agarrada à minha mãe, como se ela tivesse voltado para ficar.

Meu padrinho acercou-se; estendeu a mão, depois, num impulso, me abraçou:

— Não vai se arrepender de ter vindo, Rafael!

No chão, Aparecido miava, parecia querer dizer: "Olha! Também vim, minha gente!" No meio de tantos abraços, ainda ri ao ver o gato no chão, escapando entre as pernas de meus tios e primos. De repente, duas mãos mimosas como flores o ergueram e Aparecido viu-se aconchegado no colo de uma mocinha.

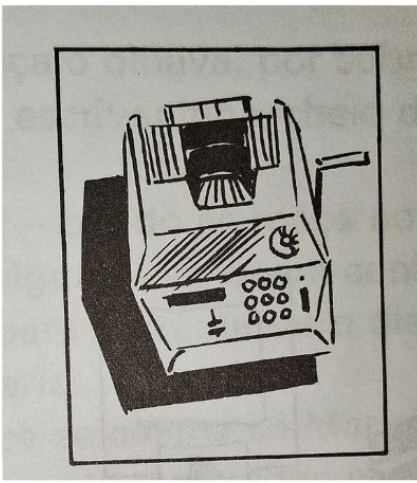
Foi então, vi Maria! Maria com Aparecido nos braços. Ninguém pode imaginar o que senti! Maria, filha única de meu padrinho Gonçalo e da madrinha Rosa, os olhos grandes postos em mim, o rosto colorido de um tanto que mais tarde ela falou ser emoção!

Meu olhar dentro daquele e deixei de pensar...

Dos braços do padrinho para os da madrinha Rosa, os olhos em Maria, só desfrutando paz!

Em volta o movimento dos muitos passageiros vindos com a gente, dos meus avós, tios e primos, a me puxarem de cá para lá. Nem sei como me sustive em cima das muletas! Os olhos sempre em Maria, um vazio na cabeça, eu como se desconhecesse o mundo...

E Maria com os olhos em mim, como se só tivesse uma vontade: estar ali, sem se importar com os demais, como eu, aceitando aquele amor que nascia.



10

O armazém de meu padrinho, situado na única rua que não era de terra empedrada, era o maior da cidade. Além do arroz, feijão, farinha, fubá,

açúcar, sal, óleo e outros artigos de comer, vendia panos de brim para calças de trabalho, panos de um xadrez ralo para camisas, chapéus, botas rancheiras, além de sapatões e alpargatas. Não mexia com sedas, nem outros tecidos que fazem o gosto das mulheres.

No fim do mês, debaixo de protestos e choros, minha mãe voltou para o Estado do Paraná. Fiquei em casa do padrinho, eu e Aparecido, dormindo num quarto nos fundos do armazém, pois meus avós e tios moravam em lugar distante dali umas dez léguas.

Comecei a trabalhar, a pôr a papelada do padrinho em ordem. E ele, apesar de analfabeto, explicou como eu devia fazer a escrita do armazém. Me entregando as notas:

— Isto aqui você põe em "debite-se" e estas outras no "credite-se". Escrita é só isso.

Assim, o que não era para pagar era para receber. Só não errar nas grandes somas e subtrações, contas que eu conhecia muito bem. E caprichar na letra.

— Está bom, padrinho? – no começo perguntava.

3

Padrinho Gonçalo olhava, por sobre meus ombros, o livrão aberto na escrivaninha, cheio da minha caligrafia igual:

— Está! Está! — pondo as mãos nos meus ombros. — O principal é ter alguém em quem confiar.

No entanto, para mim, desde o dia em que chegara, o principal era Maria:

— Maria! Você se chama só Maria?

— Maria só... — ela respondeu com aquele riso que lhe fazia enrugar a ponta do nariz.

— Minha mãe queria me chamar Maria Shirlei, mas o padre que me batizou disse:

"Shirlei não é nome de santa; fica Maria sozinha, nome por excelência..."

— Não entendi!

— Também aqui em casa ninguém entendeu. Mas um dia meu pai voltou a perguntar para o padre o que queria dizer, e ele respondeu: "Maria é o nome da mãe de Deus, nome no mais alto grau, nome por excelência."

— Que bonito!

Minhas conversas com Maria...

Sentados na escada que dava para a varanda de sua casa, as muletas descansadas ao nosso lado, tínhamos o consentimento dos padrinhos, e de Aparecido que, deitado num dos degraus, nos olhava docemente.

— Maria, você nunca sentiu falta de irmãos?

Ela me olhou de um jeito carinhoso:

— Até você chegar, sim.

Protestei:

— Mas o nosso bem-querer não é como amor de irmãos!

— Bem sei... — ela respondeu, e não terminou, mas o rosto lá ficou, vermelho como tomate.

Às vezes, pondo em mim olhos acanhados, queria saber se eu tinha saudades de casa.

— Da mãe e do pai, de meus irmãos, tenho! Mas, sabe, Maria, o que eu não gostava mais era do lugar; olhar aqueles campos onde andava livremente me fazia mal... Aqui ninguém me conheceu sem isto, e eu batia nas muletas.

— O que vale é o homem por dentro, Rafael! — disse Maria. E aquela resposta foi como uma janela se abrindo para a felicidade.

Um ano, dois anos, três anos. Tanto tempo entre os Trindade, que já me sentia como pessoa do lugar. Assim, o ganho com o meu trabalho, eu ia guardando, na ideia de um dia ter o de meu, sei lá! Quem sabe um ônibus que transportasse passageiros trouxesse minha família a visitar aqueles lugares.

Madrinha Rosa era mulher prática:

— Devia comprar uma casa, alugar até poder casar.

Olhei para Maria: lá estava ela, outra vez da cor do tomate...

— Não precisa ficar vermelha - falei baixinho. Mas gostava dela assim, acanhada.

Acontece que chegou carta de casa. O pai contava que Gabriel estava de casamento marcado, que era para eu voltar, nem que fosse de visita.

— Você vai? - perguntou Maria.

— Vou! Vou e peço licença para casar também.

— Seu pai vai dizer que é muito novo.

— Vai dizer que tirei a sorte grande!

Foi então, num mês de dezembro, bem perto do Natal, falei com os padrinhos e eles me deram o consentimento. Eu tinha comprado um anel de pedra azul que pus no dedo de Maria:

— Estamos noivos. Daqui a três meses, depois de matar a saudade da família, volto para a gente casar.

— Vai com Deus - disse Maria e me olhou com aqueles olhos cor de mel, tão cheios de ternura.

11

Os mesmos olhos, só que tristonhos, Maria tinha quando o ônibus partiu. Ela, com Aparecido no colo, eu, na janela:

— Até a volta, Maria!

— Até a volta, Rafael!

Assim, já que eu ia para logo voltar, Aparecido, meu gato de estimação, ficou com Maria, a moça do meu coração.

A viagem, outra vez! Admirar o interior montanhoso de Santa Catarina, aquelas longas distâncias com seus calmos povoados! Pensei: "Engraçado! A felicidade se encontra onde menos se espera..."

À medida que ia chegando perto do lugar da baldeação, no vale do Rio do Peixe, os morros foram aparecendo cobertos de macieiras, agora carregadas de frutos. Compreendi! Aquelas montanhas tinham descoberto sua plantação adequada: a macieira.

Já dentro do Estado do Paraná, a paisagem mudou: plantações de arroz e soja, trigo, dava gosto ver! Quando começaram a surgir os cafezais, entendi que estava perto de casa.

Na rodoviária, vi a mãe, depois o pai. E os irmãos, todos estavam lá, as meninas tinham virado três moçonas de cabelos cor de palha! Mal o ônibus parou, o mais depressa que as muletas permitiram, desci, caí nos braços da família.

— Filho! Que sacudido você voltou...

— Mãe! Vê só a altura dele...

— Rafael! Está um homem... - embasbacado repetia meu pai. — Está um homem!

Aqueles primeiros dias na fazenda! Todo mundo querendo me ver, saber como era o Estado de Santa Catarina. Minha irmã menor passava a mão no meu rosto:

— Pai! Veja pai! - dizia admirada. - Rafael tem mais barba que Gabriel!

— Já reparei, filha. Gabriel vai casar; Miguel está de namoro firme. Daqui um pouco, Rafael, com toda esta barba, vai querer se amarrar também...

Olhei para meu pai e, pelo seu riso matreiro, vi que já sabia de tudo:

— Pois é, pai, vai ser com a Maria. Já estamos noivos.

A mãe veio me abraçar:

— Deus te abençoe, meu filho. Se está bem colocado, se dá pra sustentar família, casar é bom.

Assim, se passou o Natal e entrou o ano-novo. No dia de Reis, Gabriel casou com Joana, uma moça da terra, que não era bonita nem feia, "dava pra querer bem."

Janeiro correu em sóis e chuvas, alternados, o verde subindo morros, descendo encostas, galopando pelos campos e plantações. Era verão, e o verão ali é moço, uma festa para os olhos!

Apesar de o patrão já ter formado os muitos alqueires que planejava em café, meu pai e meus irmãos continuavam a zelar pela estufa:

— Pois é... - falou minha mãe com certo orgulho. - Meu velho criou fama de ser o melhor estufueiro da região. Hoje em dia forma as mudas que o patrão vende.

— A bom preço pros vizinhos! - arrematou Miguel, que agora usava um bigodinho ralo, tinha uma namorada chamada Getúlia.

Fevereiro chegou de anil no céu, nuvens brancas e grandes, naquela pureza que só as coisas de Deus sabem ter.

Uma manhã, eu estava na estufa, meu pai e meus irmãos no trabalho de tirar mato dos balainhos, deixar as mudas de café livres para o crescimento. Até estava sentado no chão e ajudava os três, quando o patrão apareceu. Ele acabava de chegar da praia onde estivera por todo o mês:

— Rafael! É você mesmo? - parecia admirado.

Levantei, peguei as muletas, coloquei-as debaixo dos braços:

— Pois sou eu, sim senhor.

— Mas que moção você voltou, Rafael!

— Já quer até casar... - noticiou meu pai.

— Pois, Rafael, se encontrasse você na cidade, não ia reconhecer. Sim senhor! Nunca vi crescer desse tanto...

12

Naquela mesma tarde dona Madalena apareceu na estufa, muito

queimada do sol da praia, com o mesmo riso claro:

— Rafael! que espicho de homem você está! Até parece que tomou chá de eucalipto!

— Pois é, dona Madalena.

— Sabe, Rafael, quem sempre perguntava por você? Doutor Emílio.

— Perguntava?

— É... Agora foi fazer um curso na Europa.

Mostrei minha decepção:

— Que pena! Queria tanto voltar lá, ver como anda esta perna.

— Pois vamos, Rafael! Vamos amanhã mesmo.

Conheço outro médico ortopedista, e muito bom!

Assim, ficou tudo assentado para o dia seguinte.

Dona Madalena me levaria à cidade para consultar, saber qual a melhora de minha perna.

Veio me buscar no seu automóvel novo, grande e crespo. Na colônia, o mesmo alvoroço daquele dia que houve lá atrás, quando eu ainda estava na escola e a quebra acarçou, as mulheres na janela, a meninada a que carregava ao carro:

— Dona Madalena! Dona Madalena! - até parecia uma torcida organizada.

Desta vez fui sozinho com a patroa. Ela me perguntava sobre Santa Catarina, até se ainda havia muita briga por causa de terras. Eu ri:

— Nada, dona Madalena! O tempo dos bandidos acabou. Agora é só gente pacífica.

Chegamos ao hospital e entramos. Ela foi falar com a enfermeira do doutor e eu fiquei na sala de espera, cheia de gente com diversos males, muitos braços e pernas engessados. Depois, vieram me chamar e entrei direto para a sala de radiografias. Tiradas várias chapas, voltei para a sala de espera. Dona Madalena, sentada a meu lado, contou:

— Já falei com o doutor. Ele vai ver as radiografias. Logo nos chama.

Aquela hora de espera! Dona Madalena pegou o tricô, que cresceu entre suas mãos. Eu olhava as minhas a tremerem, as muletas ali do lado, muita gente querendo saber o que eu tinha nas pernas.

— É uma doença, mas um dia ele vai sarar... - explicava a patroa. - Uma doença de quem está crescendo.

Hora passada, o médico entrou, um homem de óculos e roupa branca, até os sapatos:

— Qual é o moço? - num repente perguntou para dona Madalena.

— É esse aí - ela me apontou.

O doutor avançou para mim:

— Este branqueló? - perguntou.

— É... - respondeu dona Madalena.

— Pois levante-se!

Eu peguei as muletas, levantei:

— Atire isso fora e ande.

— Não, doutor! Eu não posso encostar o pé esquerdo no chão.

— Estou dizendo: jogue as muletas e ande!

— Ai, doutor! Só ouvi contar disto da boca de Jesus Cristo.

— Não sou Cristo, mas sei que você pode andar. Pelas radiografias, está curado, moço!

Então, comecei a chorar e, em meio a todos aqueles doentes que esperavam a solução de seus problemas, como uma criança que aprendesse a caminhar, fui trocando passos, as lágrimas a rolar pelo rosto.

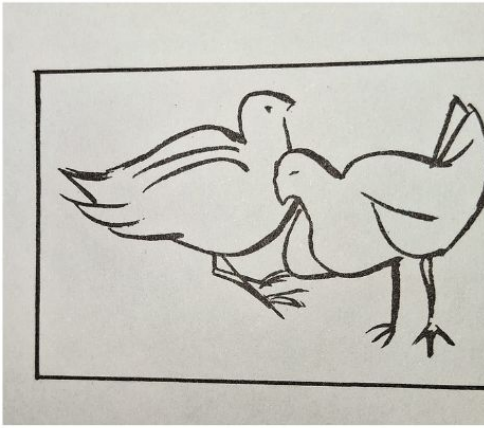
— Ele está bem de todo? - ouvi dona Madalena perguntar.

— Foi uma cura total - disse o médico. - Este rapaz deve ter levado as recomendações do Emílio tão a sério que, passada a fase de crescimento, sarou por completo.

— E agora? - perguntei olhando o chão distante, que percorria com medo, como se pudesse fugir a meus pés...

— Agora, moço, é só fazer umas botinhas com salto maior para o pé esquerdo, e andar. Isto porque a perna ficou alguns centímetros mais curta que a direita, o que é natural. E viver, meu filho, viver como um homem comum.

Então, desejei que a mãe e o pai estivessem ali, meus irmãos, Maria! Maria que gostava de mim!



EPÍLOGO

Minha história poderia acabar assim, mas sinto vontade de dizer ainda algumas coisas: um mês depois, voltei para o interior de Santa Catarina, sem muletas, nos pés as botinas que dona Madalena tinha mandado fazer, a esquerda com salto de sete centímetros.

Descrever a alegria de Maria é impossível. Na vida, às vezes, o silêncio fala mais do que as palavras.

Aparecido também, quando me viu, pôs-se a miar como se estivesse diante de dez ratos só para ele! Miava e me olhava admirado, feliz! Aquele gatão branco e sadio, meu companheiro de todas as horas, miava feliz por me ver curado!

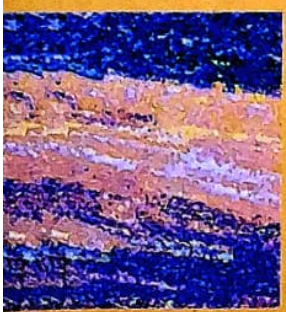
Em casa de padrinho Gonçalo foi uma romaria. Todo aquele povo bom da cidade - fregueses do armazém ou mesmo os que vinham só por curiosidade - pediam "Licença" e entravam no escritório onde eu trabalhava:

— Verdade que lá no Paraná está tendo um médico curandeiro? — perguntavam.

— Curandeiro, não! - eu respondia. - Doutor formado, homem de muito estudo e opinião.

Passado um tempo, casei com Maria. Hoje temos quatro filhos. E vivemos em paz nosso comum dia a dia, o que, afinal, é a felicidade.

A vida de Rafael era como a de muitos imigrantes do Paraná. Morava em uma fazen vivia solto no meio das plantações de café. Uma doença, entretanto, mudou o curso do destino. Mas não sua vontade de ser feliz.



ISBN 85-322-3465-

9 788532 234650

FTD